

Lembrando Guilhermina Barros

Maria Helena Martinho

Maria Guilhermina Barros (1938-2002)

Conheci a Guilhermina quando, aluna da Universidade do Minho, tive o privilégio de assistir a vários seminários que organizou, onde a todo o momento nos sentíamos envolvidos, participando activamente na discussão e no desenvolvimento das sessões. Transmitia um entusiasmo contagiante pelo ensino da Matemática. De facto, qualquer educador se sentia orgulhoso de o ser depois de a ouvir. O rigor, o humor, o sentido crítico e a criatividade, envolvidos numa grande capacidade de comunicação prendiam a atenção do mais céptico. Uns anos mais tarde, a Guilhermina convidou-me para trabalhar com ela na formação de educadores e professores do 1º ciclo. Partilhamos ao longo de 14 anos vários gabinetes, diversos projectos, muitos alunos e algumas aventuras. Guardo todos esses momentos com carinho e a eles recorro muitas vezes.

Licenciada em Matemática por Coimbra, toda a vida profissional da Guilhermina foi a expressão activa, diria mesmo lúdica, do gosto de fazer e ensinar Matemática. Gosto que estendeu a todos os graus de ensino que, de uma forma ou de outra, acabou por percorrer—do jardim de infância ao ensino superior. Gosto, sobretudo, que sabia despertar em cada aluno, cultivar em cada colega, borbulhar em cada conversa.

Em meados dos anos 60 estive envolvida na experiência de introdução da Matemática Moderna no ensino oficial, com Sebastião e Silva. Tornou-se responsável pela primeira turma piloto em Braga, no ano lectivo 67/68, e fez parte da equipa que, a partir de 71, prosseguiu a animação de cursos de actualização de professores.

No início de 70 integrou as primeiras equipas docentes da recém criada Universidade do Minho, desempenhando um papel notável na génese do que viria a ser a Licenciatura em Ensino de Matemática. À Universidade do Minho, e em particular à formação de professores, dedicou boa parte da sua vida profissional: docente do Departamento de Matemática, primeiro, da disciplina de Metodologia do Ensino da Matemática, mais tarde, dinamizadora do projecto Minerva, a partir de 85, responsável da área de Matemática do CIFOP (mais tarde Instituto de Estudos da Criança) nos anos 80 e 90.

Dizer assim, porém, é dizer pouco. Como não lembrar as diversas cadeiras que estruturou, não raro a partir do zero? As imensas notas pedagógicas que produziu e fez circular fotocopiadas que, hoje ainda, tantas vezes visitamos? Os estágios que orientou,

com aquela mistura tão sua de rigor e humor, de experiências e genuína preocupação com o conhecimento (científico, pedagógico e, sobretudo, humano) dos outros? As incontáveis acções de formação a que nunca se negou, às vezes com enorme desconforto pessoal.

Talvez ninguém como a Guilhermina pudesse ser tratada, com exacta propriedade, por *professora*, no sentido mais nobre que tal tratamento tem na vida académica. Mulher de vastíssima cultura, com uma inconfundível capacidade de interligar conceitos, referências, experiências e áreas de saber. Mulher de múltiplos caminhos, com a "carreira", porém, nunca se preocupou. Demorou anos a tratar da papelada para o reconhecimento do grau de mestre, obtido em Boston. De igual forma recusava convites para publicações e iniciativas sempre que suspeitava poder isso distraí-la do essencial. O essencial eram os concretos e largos círculos que a sua vida intersectava. Eram todas aquelas dinâmicas onde intuía a sua presença poder suscitar energias e mudanças. Era, sobretudo, o labor quase socrático da consciência crítica e profundamente humana com que nos ajudava a olhar o mundo.

Dizia por vezes que publicaria sim, quando a reforma lhe desse o tempo que então às aulas dedicava. Fê-lo, de facto, embora mesmo após ter deixado a Universidade nunca do ensino se desligasse. Surgiram então dois manuais para o 7º e 8º anos, que escreveu com a Fernanda Carvalhal e comigo, e uma obra mais vasta sobre a "Emergência da Matemática no Jardim de Infância", com o Pedro Palhares, em 1997. Obra em cuja continuação trabalhava agora. Outras publicações e projectos ficaram por concluir.

A experiência educativa viveu-a a Guilhermina como um modo de ser e, simultaneamente, fonte do exercício pleno e desassombrado da cidadania. Nasceu nos Açores, onde o salazarismo fixara residência ao pai em exílio interno, e talvez por isso transportaria toda a vida a vulcânica energia das ilhas e a vontade de estar sempre do lado marginal da vida, perto dos sem vez e dos sem voz. Recordo, por exemplo, as camisolas e meias "quentinhas" que oferecia pelo natal aos arrumadores de carros da sua rua, cujos nomes e dramas conhecia. Ou a antiga empregada de quem cuidou anos e anos como se de uma mãe se tratasse.

Tudo fazia de uma forma eficaz e discreta. Tinha a Guilhermina uma consciência aguda do serviço público que a sua profissão configurava. Exercia-o diariamente com um grande sentido de humor.

Lembro-me, a propósito, da sua reacção à capa de um manual que o editor se propunha ilustrar com aviões de combate. Determinada, levantou-se da mesa onde partilhávamos chá e matemática, pegou no telefone e sugeriu a sua substituição por aviões de papel. Explicou paciente, serem estes uma construção interessante para os alunos fazerem, certamente mais educativos, oportunidade de reflexão sobre simetrias e estruturas, divertidíssimos para atirarem uns aos outros numa dessas aulinhas menos inspiradas.

Era um pouco assim que a Guilhermina via a Matemática: o desenvolvimento quotidiano do raciocínio, um desafio para a vida toda, uma voz na plural construção da cultura.

Maria Helena Martinho
mhm@iep.uminho.pt